

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER¹

RESUMO

Este artigo observa as reconfigurações decorrentes da utilização, por parte do jornalismo, de recursos narrativa de natureza literária que acabam por transformar tanto o que é da ordem do jornalismo como da literatura, em uma perspectiva dialogal. O objeto de análise são os livros-reportagens e as biografias de natureza jornalística. Observa-se que, não obstante as origens das imbricações entre jornalismo e literatura remontarem ao surgimento do primeiro, no século 13, em algum lugar da Europa central, este modelo de narrativa parece ocupar um lugar diferenciado, reconfigurando a prática tanto no que ela tem de jornalístico-comunicacional como de literária, especialmente, e de modo diferencial, na contemporaneidade, como estratégia de identidade. Analisa-se, por meio de trabalho de grupo de pesquisa, as apropriações que o jornalismo faz da literatura para construir este modelo de narrativa, suas processualidades, bem com as gerações de sentido que se estabelecem a partir da aproximação dos dois campos do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativas. Jornalismo. Jornalismo diversional. Livro-reportagem. Biografias.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, diretor administrativo da SBPJor, coordenador do Curso de Comunicação Social da UNISC, pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Letras da UNISC e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Leitura, Literatura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: dsoster@uol.com.br.

1 O QUE NOS MOVE

Este artigo² se estabelece a partir de projeto de pesquisa em andamento³, que por sua vez nasce da necessidade de observarmos, no âmbito da graduação em Jornalismo, e do mestrado em Letras, os sentidos que emergem da intersecção de dois modelos de narrativa – a jornalística e a literária – em formatos específicos de publicação de natureza jornalístico-comunicacional, genericamente chamados de livros-reportagem e biografias jornalísticas.

Livros-reportagens são, na categorização de Pereira Lima, “[...] veículos de comunicação impressa não-periódicos que apresentam reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.” (2009, p. 26). Ou, por outras palavras, relatos mais amplos e estilisticamente mais elaborados, sem, contudo, perder sua natureza comunicacional, que aqueles usualmente encontrados nas páginas dos jornais e revistas impressos.

Pensado em sua relação com o livro convencional, o livro-reportagem é diferente sob pelo menos três aspectos (PEREIRA LIMA, 2009, p. 27-28):

- a) Quanto ao conteúdo:** o objeto de abordagem que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual.
- b) Quanto ao tratamento:** compreendido tratamento como linguagem, montagem e edição de texto, a abordagem é jornalística, mas com uma maior maleabilidade textual.
- c) Quanto à função:** as de natureza comunicacional, ou seja, informar, orientar, explicar, para ficarmos em três.

Tratam-se, portanto, os textos desta natureza, de um modelo de publicação que, diferentemente das narrativas especificamente literárias, e não obstante seu formato, são estabelecidas a partir de critérios e técnicas

² Artigo originalmente submetido ao GP Pesquisa em Graduação do 2º Encontro Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo e 5º Encontro Paranaense de Ensino de Jornalismo, instâncias Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ).

³ O grupo de pesquisa ‘Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas’, coordenado pelo autor deste, se estabelece, de um lado, entre o Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), por meio da linha de pesquisa ‘Processos narrativos, comunicacionais e poéticos’ envolvendo alunos das duas instâncias.

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

jornalísticas, e têm, na natureza dos acontecimentos se realizando, sua razão e forma de ser. Interessa, portanto, à formação em Jornalismo.

Com as biografias de natureza jornalística, ou livros-reportagem-biografia, na categorização de Pereira Lima (2009), ocorre algo semelhante, ou seja, debruçam-se, a exemplo do que ocorre com seus pares literários, ou de outras áreas do conhecimento, sobre o perfil de determinado personagem, mas se utilizam, em suas ofertas de sentido, de lógicas operacionais e discursivas jornalístico-comunicacionais, sem prescindir de uma narrativa mais elaborada que a dos relatos jornalísticos convencionais. Uma forma de narrativa que, a exemplo dos livros-reportagens, vem demonstrando cada vez mais interesse por parte de quem lhe acessa:

As razões para esta emergência do biográfico nas diversas áreas em que se manifesta – história, jornalismo, literatura e outras – devem ser compreendidas a partir de análises mais amplas no que diz respeito ao contexto social contemporâneo marcadamente de revalorização de trajetórias individuais como forma de inspiração e compreensão do presente, em função de intensos processos de apagamento de referenciais ideológicos e de valores, até então, demarcadores importantes da compreensão do mundo pelos homens. (BRUCK, 2010. p. 23).

São, ainda, assim; não obstante seu crescente interesse no mercado editorial, objeto de pouca atenção por parte de quem pesquisa, (ou ensina, diríamos) como observa Vilas Boas (2006, p. 18):

Infelizmente, estudos de biografia ainda são ocasionais. Iniciativas isoladas tangem essa modalidade apenas como parcela secundária ou complementar de pesquisas, sem se deterem, por exemplo, nos milhões de leitores interessados no gênero, nos méritos e nas fraquezas dos biógrafos, nas interpretações conflitantes dadas a uma mesma pessoa, nos limites e nas possibilidades desse campo vasto e extraordinário. Uma história da biografia também está para ser contada.

Levando-se em conta este cenário, e considerando, ainda, como dissemos, que publicações desta natureza têm se mostrado cada vez mais frequentes no mercado editorial brasileiro, a pesquisa adquire particular relevância para a formação de alunos de Jornalismo à medida que busca observar o que ocorre ao jornalismo, e à literatura, quando as áreas dialogam

por meio do suporte livro – usualmente alijados a um segundo plano nas grades de formação acadêmica – e a partir de lógicas operacionais e discursivas substancialmente distintas daquelas utilizadas principalmente por seus pares literários. Em particular neste momento evolutivo, que denominamos midiaticizado, marcado por uma profunda imersão tecnológica da sociedade, que reconfigura lugares e formas de dizer e que exige novas gramáticas explicativas.

Por outras palavras, estamos tentando compreender o que significa à sociedade, nas suas mais diversas instâncias, incluindo a de formação, quando tecnologias, mais que suportes a esta ou àquela atividade, estabelecem-se como meios de interação que redefinem práticas sociais. “Esse novo cenário de interação produz rupturas, mas também a necessidade de os dispositivos reinstaurem novas formas de contratos” (FAUSTO NETO et al., 2008, p. 128) em decorrência daquilo que Gomes (2006) chamou de reconfiguração de toda uma ecologia comunicacional.

Compreender os sentidos que emergem deste modelo de narrativa, seja na forma de livro-reportagem ou de biografia, implica avançar, quem sabe, na análise dos formatos textuais em uma perspectiva interdisciplinar para além das especificidades de uma ou outra área do conhecimento. Ou seja, observar as narrativas que se estabelecem a partir da confluência de textos e técnicas aparentemente distintas, neste caso a jornalística e a literária, que, juntas, permitem panoramas diferenciados.

2 ESSÊNCIA DO PROBLEMA

Observar as complexificações e os sentidos que se estabelecem a partir da imbricação das narrativas jornalísticas sob a forma de livros-reportagem e bibliografias de natureza jornalística implica considerar, de um lado, o cenário em que a referida metamorfose se estabelece, midiaticizado, enquanto que, de outro, onde se encaixam estes modelos de texto em uma perspectiva de estudos de gêneros. A abordagem pelo viés dos gêneros se apresenta como estratégia para compreendermos reconfigurações que emergem destas narrativas, à medida que nos permite observá-los em sua particularidade e relacionalmente. Começemos pelas questões de cenário.

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

A abordagem pelo viés da midiatização, e nela, da midiatização do jornalismo, permite-nos compreender como determinados modelos de jornalismo parecem se revigorar em ambientes específicos, neste caso, e até certo ponto de forma paradoxal, em um cenário de profunda imersão tecnológica. Em particular se considerarmos as características do jornalismo que denominamos midiatizado, porque afetado pela processualidade da midiatização: auto-referência, coreferência, descentralização e dialogia.

Jornalismo midiatizado é aquele cujos dispositivos, mais que vetores de midiatização, são atingidos pela processualidade desta, midiatizando-se. Por midiatização vamos compreender a criação de novas ambientações a partir de uma profunda imersão de natureza tecnológica, social e discursiva da sociedade (SOSTER, 2008, 2009, 2009a).

Vejamos cada uma das características que compõem o jornalismo que denominamos midiatizado:

AUTO-REFERÊNCIA – Pode ser percebida quando as operações discursivas dos dispositivos jornalísticos estão voltadas, por meio de marcas, para o próprio texto que as compõem, explicando suas operações (geralmente por meio do uso de verbos de apoio) e estabelecendo, assim, novos vínculos. Por exemplo: “Conforme apurou nossa reportagem.”

COREFERÊNCIA – A coreferência se estabelece à medida que as operações do sistema midiático-comunicacional estão voltadas para o interior do próprio sistema e os dispositivos que compõe este também passam a estabelecer diálogos cada vez mais frequentes entre seus pares. Unem-se, com isso, dois nós do sistema, sendo que o fio condutor entre um e outro é a comunicação. Isso se verifica quando um jornal cita uma revista como fonte de sua matéria, por exemplo.

DESCENTRALIZAÇÃO – A partir do momento em que os jornais e revistas impressos, por exemplo, passam a se estabelecer, antes, como nós e conexões de uma rede, e a internet possui papel fundamental nesta processualidade, o lugar hegemônico que ocupavam até bem pouco tempo fragiliza-se, descentralizando-se. É o que ocorre, por exemplo, quando programas da Rede Globo, caso do Jornal Nacional, até há pouco hegemônicos

em seus horários e perfis, têm de disputar espaço e reconhecimento com produtos de empresas até então tidas como 'menores', caso da Record.

DIALOGIA – É a característica do jornalismo midiaticizado que mais interessa a nossos propósitos. Trata-se do movimento que se verifica junto aos campos do conhecimento em uma perspectiva de sociedade midiaticizada. Por este viés, os campos vão buscar em outras áreas do conhecimento os elementos que irão garanti-los enquanto campo. Mais que uma hibridização, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que complexifica lugares.

É o que ocorre, por exemplo, quando o jornalismo vai buscar na literatura, por meio de reportagens ou livros-reportagem, o substrato para sua própria manutenção enquanto jornalismo, o mesmo ocorrendo com a literatura. É o que se percebe, a título de ilustração, quando escritores passam a se valer, cada vez mais, de dispositivos como jornais e revista para emprestar sentido e amplitude aos seus relatos, que acabam por se transformar nesta relação. Isso já ocorria desde pelo menos os folhetins, é bem verdade, mas não com a intensidade que se verifica hoje.

É particularmente pelo viés da dialogia, ou seja, pela imbricação entre dois campos do conhecimento em uma perspectiva midiaticizada, que encontramos sentido na emergência de determinados gêneros discursivos do jornalismo, caso do diversional e interpretativo, em cujas bases se assentam os relatos dos livros-reportagem e das bibliografias de natureza jornalística. Compreendê-los requer alguma atenção quanto à sua genealogia.

Considerar a questão do ponto de vista dos gêneros implica observar que, ainda no final de década de 1980, quando José Marques de Melo propôs uma releitura das categorias e gêneros por meio dos quais se manifestavam as narrativas jornalísticas, avançando, desta forma, da leitura de Luiz Beltrão (1980) sobre o tema, – e distanciando-se das perspectivas funcionalistas, hegemônicas até então –, sua preocupação, a partir de Todorov (1980), recaiu sobre as propriedades discursivas de cada mensagem (forma, conteúdo e temática). Entendia Marques de Melo que este olhar permitiria observar com mais clareza as relações sócio-culturais (emissor/receptor), bem como as questões de

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

natureza político-econômicas (instituições/estado/corporações etc.) que integram o universo jornalístico.

Marques de Melo propôs uma classificação dos gêneros jornalísticos brasileiros a partir da articulação de dois núcleos:

a) Intencionalidade por meio da qual se configuram os relatos: instância onde se inserem duas vertentes: a reprodução do real e a leitura do real. No primeiro caso, diz respeito, a saber, o que se passa; no segundo, o que se pensa sobre o que passa. De um lado, a descrição. De outro, a versão dos fatos.

b) Buscando identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos: toma-se, aqui, a articulação que existe entre os acontecimentos, sua expressão jornalística (ligada aos relatos) e a consequente leitura dos mesmos.

Tem-se, assim, identificadas basicamente duas categorias⁴ na narrativa jornalística: informativo e opinativo. Pertence à categoria informativo o relato dos acontecimentos a partir de uma técnica específica (jornalística). Inserem-se nesta os formatos de texto conhecidos como nota, notícia, reportagem e entrevista. No opinativo, ou naqueles textos que dizem respeito ao que se pensa sobre determinado acontecimento, inserem-se os editoriais, comentários, artigos, resenhas, crônicas, cartas, colunas etc.

Observe-se que a classificação proposta por Marques de Melo, comparada com a de Luiz Beltrão, não contempla a categoria jornalismo interpretativo, e que ambas não incluem o jornalismo diversional. Se, para Beltrão, o jornalismo interpretativo, como sinônimo de reportagem em profundidade, era identificável na década de 1980, para Marques de Melo não havia porque individualizar esta categoria. A explicação: "Entendemos que a

⁴ A distinção entre categoria e gênero está em aberto desde há muito. As Ciências Sociais, por exemplo, referem-se a categoria como o conjunto de pessoas com características de comportamento semelhantes, que nos permitam identificá-las como pertencentes a um determinado grupo (JOHNSON, 1997). A noção de gênero, nesta perspectiva, refere-se às características individuais dos componentes destes grupos. No caso do Jornalismo (MARQUES DE MELO, 1985), categoria é um conceito que define, em perspectivas e níveis diversos, domínios do conhecimento e da ação. Os gêneros, por sua vez, dizem respeito às formas que utilizamos para nos expressarmos nestes domínios. O traço definidor do gênero é o estilo; a forma com que se escreve. Assim, doravante, quando nos referirmos a categoria jornalística ela será informativa, interpretativa, diversional, opinativa etc., enquanto que gênero dirá respeito às variações estilísticas de uma e outra forma (por exemplo, o gênero editorial na categoria opinativo). Entenderemos identidade como um critério relacional segundo o qual o emissor e o receptor se aproximam ou se distanciam em afinidades ou em diferenças (Waismann). Quanto mais próximos, mais identidade; quando mais díspares e distantes, mais diferenças, e, portanto, menos identidade na relação." (IASBECK, 2009, p. 174).

interpretação (enquanto procedimento explicativo, para ser fiel ao sentido que lhe atribuem os norte-americanos) cumpre-se perfeitamente a partir do jornalismo informativo.” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 48).

Quanto ao jornalismo diversional, aqui entendido como o jornalismo que se vale de técnicas literárias para construir seus discursos, Luiz Beltrão não o incluiu em sua classificação porque, apegado a uma perspectiva analítica funcionalista, entendia que a função do jornalismo era informar, explicar e orientar, e não divertir. Já Marques de Melo porque, à época, considerava esta categoria “não legitimada nos círculos acadêmicos brasileiros e muitas vezes confundida com o jornalismo interpretativo nos ambientes profissionais.” (1985, p. 21).

José Marques de Melo, no entanto, em releitura à sua própria categorização, não apenas reconhece a existência das categorias interpretativo e diversional no jornalismo brasileiro atual como acresce um quinto elemento à sua classificação: a do jornalismo utilitário, composto por informações de natureza utilitária, caso dos necrológicos, que usualmente se encontravam junto às notícias. Tem-se, portanto, cinco categorias jornalísticas: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Dito isso, vejamos como se conceituam o jornalismo interpretativo e diversional.

Pode-se considerar como jornalismo interpretativo aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele. Ou, nas palavras de Beltrão (1980), como sinônimo de reportagem em profundidade. Jornalismo diversional, por outro lado, será aquele que se vale de recursos que são próprios da literatura para construir seus relatos.

A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim, da padronização da informação de atualidade [...], foram relegadas a segundo plano, quando não completamente abandonadas. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 22).

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

Ou, sob um viés mais recente, diversional é tomado como sinônimo de jornalismo literário, literatura de realidade ou não ficcional, jornalismo em profundidade ou jornalismo de autor. Pode-se inserir nesta classificação a subcategoria livro-reportagem, nos moldes propostos por Pereira Lima (2009), aqui visto como uma narrativa que se constrói igualmente com técnicas próprias do jornalismo e da literatura, sem os constrangimentos dos modelos tradicionais. O jornalismo terá natureza diversional quando seus relatos forem impregnados

[...] com técnicas literárias realistas (flashbacks, digressões, diálogos, aprofundamento psicológico das personagens, narrador em primeira pessoa etc.) e na qual o autor se preocupa menos em seguir padrões e técnicas soberanas em redações e jornais diários (*lead*, pirâmide invertida) e mais em dar ao leitor visão mais próxima o quanto for possível dos fatos, extrapolando os limites do jornal impresso. (CASTRO E SILVA, 2009, p. 206).

104 | Trata-se, como o nome sugere, de um modelo de narrativa que, arcada no 'real', visa, antes, entreter que informar ou opinar, mas não prescinde destes gêneros e que se baseia nas categorias singular/universal/particular para estruturar seus discursos. Ou seja, um modelo de texto onde se estabelece a comunicação narrativa (LOPES; REIS, 1988), formato que solicita a quem o lê uma "resposta interpretativa", e que, a exemplo do que se verifica na narrativa literária, é levada a cabo antes pelo narrador que pelo autor, aqui entendido como aquele que dá vida ao narrador.

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de auto, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. (LOPES; REIS, 1988, p. 61).

Por esta conceituação, para além dos exemplos referidos, os textos de revistas como a mítica Realidade e a contemporânea Piauí podem ser considerados de natureza interpretativa, enquanto que livros como *Hiroshima*, de John Hersey, (2002) e *A sangue frio*, de Truman Capote (2003), diversional. No primeiro caso, encontramos relatos que, com liberdade estilística, mas

fincados na atualidade, permitem-nos interpretar os acontecimentos se realizando. No segundo, relatos que não têm compromisso como a realidade imediata e que buscam, sobretudo, emprestar ao jornalismo características cognitivas outras que não a informação e a interpretação, caso do entretenimento⁵.

Os textos considerados 'jornalísticos', por este viés, diferem-se dos de natureza literária, por exemplo, à medida que:

- a) Encontram-se alicerçados no relato de acontecimentos, que por sua vez se baseiam da realidade como ela se apresenta, ainda que, ao fazê-lo, reconstruam esta mesma realidade.
- b) São construídos a partir de lógicas discursivas que consideram em seu enunciados, em primeiro lugar, o inusitado (singular) do acontecimento; mas também a relação deste com o todo em que se insere (universal) e, finalmente, o que lhe difere dos demais acontecimentos (particular) de natureza semelhante (GENRO FILHO, 1988).

Observamos um deslocamento do trabalho jornalístico quando este se inscreve em um livro-reportagem, ou, ainda, uma biografia de natureza jornalística, devido aos recursos que se utiliza para este propósito. Como observou Gritti (2008), usualmente a narrativa da imprensa, em especial aquela do dia a dia, mais voltada ao factual, estabelece-se a partir de uma espécie de "jogo metanarrativo", que por sua vez se estabelece na relação entre quem narra e as fontes da informação.

Citando Roman Jakobson, Gritti afirma que este "jogo" integra ao mesmo tempo duas das funções atribuídas à linguagem: metalinguística, ou deciframento das informações; e referencial, que lhe projeta ao contexto, à realidade. Neste sentido, o texto só existe a partir de a) uma fonte de informação, que lhe legitime, e b) um narrador (repórter), que decifre e torne

⁵ Em uma perspectiva sistêmica, a condição de entretenimento, que nos textos de natureza diversional é alcançada por meio de recursos como digressões, feedbacks e diálogos, tem a função de provocar o exacerbamento da realidade contida nestes relatos. O **entretenimento**, no sistema midiático, tem, dessa forma "[...] um papel estratégico ao reforçar as representações da realidade por meio da separação que o receptor faz entre ficção e realidade, ou, mais precisamente, na negação da realidade dentro do entretenimento. Paradoxalmente a realidade se constitui como tal no sistema midiático através de uma negação: o real não é descrito por si mesmo, mas através daquele que o nega: o entretenimento." (VIEIRA FERREIRA, 2009, p. 111).

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

público (por meio de um jornal, por exemplo) o contexto em que o acontecimento se verifica.

Não é o que se verifica, por exemplo, no livro *A sangue frio*, de Truman Capote, segundo Wolfe (2005), um dos ícones do “new journalism” norte-americano. Nele, Capote parte de uma nota publicada no jornal *The New York Times* para construir uma vigorosa e complexa narrativa a respeito de uma família de fazendeiros assassinada no interior do país por dois criminosos. Truman batizou seu livro de “romance sem ficção”, à medida que seu conteúdo remete, antes, à literatura que ao jornalismo.

Dito isso, caminhemos para as considerações finais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões realizadas neste artigo, que se inserem no percurso de trabalho dos pesquisadores ligados ao grupo ‘Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas’, ligados ao Departamento de Comunicação e ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), buscamos observar algumas complexificações que se estabelecem à prática jornalística quando esta é midiaticizada. Em particular a que denominamos dialogia, e que se estabelece quando os campos de conhecimento vão buscar em outras áreas os elementos que irão garanti-los identitariamente enquanto campo. Mais que uma hibridização, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que reconfigura lugares.

Como dissemos, este movimento se caracteriza, no jornalismo, pelo fato de este buscar, na narrativa literária, os elementos que necessita para da conta de seus enunciados, e estabelecer, dessa forma, identidade frente aos demais campos sociais. Ao fazê-lo, afeta dialogicamente tanto o que é do jornalismo como da literatura. A face mais visível deste movimento, que nos interessa particularmente, à medida que afeta a formação dos alunos de jornalismo, é a emergência de pelo menos dois formatos de texto: os livros-reportagem e as bibliografias de natureza jornalística. Inferimos que compreender o que eles significam neste momento evolutivo da profissão implica termos condições de observar, com alguma propriedade, importantes transformações que estão em

processo no jornalismo – e suas formas – nos dias que se seguem. E, com isso, estarmos instrumentalizados para as mesmas, sejamos professores ou não. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, Caco. Prefácio. In: BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2010.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CASTRO E SILVA, Gustavo de. Os saberes da comunicação. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 70-71.
- FAUSTO NETO, Antônio et al. **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1988.
- GRITTI, Jules. Uma narrativa de imprensa: os últimos dias de um “Grande Homem”. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IASBECK, Luiz Carlos Assis. Identidade. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- JONHSON, Alan. **Dicionário de Sociologia** – Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (Org.). **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- MORAIS, Fernando. **O mago**. São Paulo: Planeta, 2008.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Estação de embarque**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=509AZL004>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Reconfigurações narrativas no jornalismo e na literatura

_____. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Auto-referência e co-referências páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009a, São Paulo. **Anais...**

_____. Mídiação, a terceira descontinuidade do jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Bernardo do Campo. **Anais...**

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais:** internet, mídiação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VIEIRA FERREIRA, Wilson Roberto. Entretenimento. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009.

VIANA, Rodolfo. **Um olhar de mundo.** Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=516IMQ006>>. Acesso em: 10 fev. 2011.